

APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE: UMA REVISÃO DA LITERATURA

*Ueliton André dos Santos Silva **

RESUMO: Este estudo teve como objetivo investigar de qual modo a afetividade foi discutida nas pesquisas científicas desenvolvidas no contexto educacional brasileiro, abrangendo o período de 2010 a 2022. Para isso, foi realizada uma revisão sistemática de artigos científicos extraídos das plataformas Scielo, Lilacs e Redalyc. A seleção dos artigos considerou estudos que abordassem a afetividade no contexto educacional, com foco no ensino básico e superior. Na análise dos dados, adotou-se uma abordagem mista, contemplando as vertentes quali-quantitativa, com o auxílio do software Iramuteq (versão 0.7 alpha 2). Esse software permitiu a realização de análises estatísticas e textuais, incluindo a técnica de análise de similitude para a identificação de padrões e conexões entre os termos mais frequentes nos resumos dos artigos. Os resultados apontam que há um número expressivo de publicações nas áreas da Educação e Psicologia, refletindo o interesse interdisciplinar pela temática. O foco dos estudos está alicerçado no entendimento da ação da afetividade ao longo do ensino e aprendizagem, destacando sua influência na motivação, no engajamento e no rendimento dos estudantes. Também é constatado que a afetividade é tomada como um elo crucial para a criação de ambientes educacionais acolhedores e inclusivos, colaborando para a formação plena dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Afetividade. Ensino. Aprendizagem.

LEARNING AND AFFECTIVITY: A LITERATURE REVIEW

ABSTRACT: This study aimed to investigate how affectivity has been addressed in scientific research conducted within the Brazilian educational context, covering the period from 2010 to 2022. To achieve this, a systematic review of scientific articles was performed, extracted from the Scielo, Lilacs, and Redalyc platforms. The article selection focused on studies that explored the theme of affectivity in an educational setting, specifically within basic and higher education. For data analysis, a mixed-methods approach was adopted, encompassing both qualitative and quantitative perspectives, with the aid of the Iramuteq software (version 0.7 alpha 2). This software facilitated statistical and textual analyses, including the similarity analysis technique, which identified patterns and connections among the most frequent terms in the article abstracts. The results indicate a significant volume of publications in the fields of Education and Psychology, reflecting an interdisciplinary interest in the theme. The studies primarily focus on understanding affectivity's role in the teaching-learning process, highlighting its influence on student motivation, engagement, and performance. Furthermore, it was observed that affectivity is regarded as a fundamental link for creating welcoming and inclusive educational environments, directly contributing to students' holistic development.

KEYWORDS: Education. Affection. Teaching. Learning.

* Doutorando no Programa de Pós-graduação em Psicologia ofertado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Graduado em Psicologia pela Faculdade Regional da Bahia (UNIRB). Integrante do Grupo de Estudos em Resiliência, Educação e Linguagens - GEREL/CNPq-UNEB. E-mail ueliton_andre@hotmail.com Orcid <https://orcid.org/0000-0002-2595-7998>

Introdução

A afetividade cumpre uma função elementar no curso da formação e desenvolvimento humano. Diante disso, a formação docente e a própria prática em sala de aula assumem uma relevância primordial. Para aprofundar essa discussão e propiciar uma ampliação no entendimento sobre a presença da afetividade na conjuntura educacional, estabelecemos um diálogo com diversos teóricos, dentre os quais merecem destaque Paulo Freire (2008) e Henri Wallon (2007).

Ao lançarmos um olhar sobre a presença da afetividade nas produções científicas, constata-se um crescimento significativo de pesquisas que incorporam essa temática como ponto central de interesse. Nessa esteira, é possível apreender que a dimensão afetiva e o campo social operam de modo dialético. De tal modo, à proporção que as pessoas interagem e se relacionam com outros indivíduos, o meio social vai gradativamente recebendo um novo conjunto de sentidos e significados. Nesse cenário, a afetividade passa a ser composta não apenas por suas bases orgânicas, mas também pelas configurações e experiências sociais (Ferreira; Acioly-Régnier, 2010).

Nessa esteira, a afetividade e seus desdobramentos se conectam intrinsecamente às experiências vivenciadas por cada indivíduo. A maneira como as pessoas vivenciam e expressam suas emoções desempenha um papel crucial na forma como constroem suas conexões consigo mesmas e com outros em seu entorno. Assim sendo, as experiências afetivas na infância, como o vínculo com os cuidadores e a qualidade das interações familiares, exercem um impacto duradouro tanto no bem-estar emocional quanto nas relações no transcorrer de toda a vida. Além disso, as vivências emocionais durante a adolescência e na idade adulta têm repercussões diretas na capacidade de lidar com desafios, estresse e conflitos, influenciando diretamente a qualidade de vida e a saúde mental dos indivíduos.

Este estudo nasce da imprescindibilidade de criar pontos de compreensão acerca de como a afetividade pode ser pensada e articulada no ambiente escolar. Para responder a essa questão, buscamos investigar como o tema foi abordado em pesquisas científicas desenvolvidas no contexto educacional brasileiro, entre 2010 e 2022. Para tal, utilizou-se a estratégia de pesquisa bibliográfica descritiva. Na análise dos dados, operamos com abordagem quali-quantitativa, utilizando o *software Iramuteq* (versão 0.7 alpha 2) como ferramenta auxiliar. A estrutura do trabalho compreende quatro seções principais, além da introdução e das considerações finais.

Assim, na primeira seção, dedicamo-nos a descrever como a afetividade tem sido abordada historicamente e quais são as suas vertentes atuais. A segunda seção detalha os aspectos metodológicos utilizados na coleta e análise dos dados. Em seguida, na terceira seção, apresentamos um panorama introdutório das informações obtidas nos artigos analisados. Por fim, a quarta seção oferece uma análise descritiva dos dados, ressaltando os temas centrais dos trabalhos publicados acerca da afetividade no universo escolar e sua conexão com o processo de ensino-aprendizagem.

Passos iniciais

A compreensão do ser humano como um ente intrinsecamente complexo e multidimensional — amalgamando aspectos psicológicos, biológicos, históricos e sociais em uma totalidade dinâmica — constitui um ponto imperativo no horizonte educacional contemporâneo. Diante dessa perspectiva integradora, a inserção da afetividade no debate e na reflexão pedagógica surge como uma ação de urgência e necessidade premente. Assim, ao reconhecer e valorizar a esfera afetiva, é possível delinear e implementar uma prática formativa significativa e engajada, capaz de reverberar nas singularidades dos sujeitos, nutrir seu desenvolvimento integral e edificar pontes sólidas para a solidificação do conhecimento e da cidadania.

Com o objetivo de abarcar o ser humano em sua especificidade, Henri Wallon (2007) desenvolveu uma proposta teórica psicogenética fundamentada em uma concepção dialética do desenvolvimento. Nesse sentido, Wallon passou a integrar a motricidade, a afetividade e a cognição, apresentando com isso importantes contribuições para o processo de ensino-aprendizagem. Por meio desse entendimento, nota-se a superação da dicotomia que separava o indivíduo entre razão e emoção.

Segundo Leite (2012, p. 356), essa concepção cartesiana entre razão e emoção remonta à Antiguidade e passou por um processo de fortalecimento “[...] com a tradicional dualidade cartesiana entre corpo e alma, na Modernidade: os afetos, como parte da dimensão anímica, não poderiam ser objetos de estudos científicos”. Ainda segundo o autor, interpretar o ser humano como algo cindido em dimensões dicotômicas — como razão e emoção, operando em esferas separadas e sem vínculos determinantes — é uma simplificação que perpetua um legado dualista, cujas raízes remontam ao pensamento cartesiano. Assim, essa perspectiva não apenas sugere que o indivíduo ora pensa, ora sente, mas, de forma mais problemática, implica que esses processos seriam independentes, desconsiderando a complexa teia de interações que molda a experiência e o agir humano.

Nessa elaboração dualista, a razão passou a assumir uma posição de destaque e valorização em prejuízo do emocional. Portanto, caberia à razão dominar e controlar as emoções. Essa ênfase na supremacia da razão sobre as emoções permeou não apenas o pensamento filosófico, mas também se refletiu na estrutura da sociedade e nas relações interpessoais. A predominância da ideia de que a racionalidade era a base da sabedoria e do progresso levou a uma valorização exacerbada da lógica e do intelecto, em detrimento das expressões emocionais. Esse paradigma dualista persistiu através dos séculos, impactando a compreensão da natureza humana e influenciando a educação escolar e a forma como os indivíduos se relacionam (Leite, 2012).

Para Ferreira e Acioly-Régnier (2010), as contribuições apresentadas na proposta walloniana residem em sua abordagem diferenciada das emoções, sentimentos e paixões, que oferece uma interpretação ampla e funcional por meio da afetividade. De acordo com essa leitura, a afetividade pode ser assimilada como um terreno fértil que permite a manifestação de diversas expressões dos afetos

que se complexificam “[...] ao longo do desenvolvimento e que emergem de uma base eminentemente orgânica até alcançarem relações dinâmicas com a cognição, como pode ser visto nos sentimentos” (Ferreira; Acioly-Régner, 2010, p. 26).

No cerne das interações humanas, a afetividade gradualmente assume contornos que vão muito além de sua dimensão puramente biológica. Afinal, estamos lidando com um conceito vasto, que engloba elementos tão diversos como os aspectos morais, éticos, sociais, culturais, a própria constituição da subjetividade, além dos sentimentos e emoções (Ribeiro, 2010). Diante disso, percebemos que o alicerce biológico dos afetos é constantemente redesenhado pelas experiências sociais e pelo contexto dos indivíduos. É justamente por essa íntima conexão entre o ser humano e seu mundo social que a afetividade transcende sua natureza orgânica, elevando-se a um status social na relação com o outro (Ferreira; Acioly-Régner, 2010).

Frente às reflexões propostas, fica evidente que a disposição e o desenvolvimento do ambiente escolar e de seus elementos impactam tanto positiva quanto negativamente no campo afetivo. Esses impactos, por sua vez, moldam as múltiplas relações que os educandos estabelecem com os conteúdos e os próprios aprendizados (Leite, 2012). Nesse sentido, a relação afetiva construída entre professores e alunos emerge como um pilar essencial para concretizar uma formação escolar eficaz.

Para Freire (2019), o ato de educar vai muito além da simples transmissão de conteúdo. Ele defendia uma educação política e engajada com o processo de emancipação dos indivíduos das teias da opressão e da exploração. Ao adotar este pressuposto como guia para suas práticas, os docentes não devem negligenciar ou excluir os aspectos afetivos da esfera educacional. Reforçamos essa perspectiva, pois a literatura científica já apresenta um volume expressivo de estudos que comprovam a seriedade e a significância da afetividade na construção de um ecossistema escolar acolhedor, capaz de promover uma formação humanizada e humanizante.

Opostamente, constata-se que quando há comportamentos de afastamento ou indiferença na relação entre professores e alunos, os sentimentos negativos que surgem dessas interações têm um impacto desfavorável no processo de ensino e aprendizagem. Na literatura referente ao assunto, é possível localizar estudos que enfatizam a vinculação da afetividade com a consolidação da aprendizagem cognitiva dos alunos, já que é através do aspecto afetivo que a aprendizagem se concretiza (Rodríguez; Plax; Kearney, 1996; Codo; Gazzotti, 1999).

É fundamental reconhecer que, atualmente, a atividade docente se configura como uma prática imersa em desafios, exigindo dos profissionais muito mais que o mero domínio do conteúdo a ser ensinado. Para além do ato de ministrar aulas, os professores são constantemente convocados a lidar com uma gama diversificada de questões. Entre elas, destacam-se a necessidade de motivar e incentivar os estudantes, oferecer uma escuta ativa e um olhar sensível às singularidades de cada aluno para otimizar a aprendizagem, e reconhecer e valorizar o vasto repertório cultural que cada estudante apresenta (Ribeiro, 2010). Esse cenário, por sua vez, nos convida a uma reflexão sobre o processo de formação docente e as

condições de trabalho às quais estão submetidos, posto que esses elementos precisam ser condizentes com as demandas apresentadas.

Um olhar sistêmico

Ao introduzirmos a afetividade no debate educacional, torna-se imperativo reconhecer que os próprios educadores estão inseridos em um ambiente que impacta diretamente seu estado afetivo-emocional. Nesse cenário, Rhoden e Rhoden (2014) ressaltam que, na atualidade, os professores enfrentam uma série de desafios profissionais, com implicações diretas em sua prática diária. Não raro, eles podem experimentar desmotivação e altos níveis de estresse, sentimentos que, por sua vez, tendem a repercutir na relação estabelecida com os educandos. Assim sendo, as condições de trabalho desses profissionais não podem ser ignoradas, pois o processo educacional é intrinsecamente sistêmico e transcende a atuação individual de cada professor.

Ter consciência da sistematicidade presente na educação é um ponto fundamental. Nossa discussão, portanto, não gira em torno da mera responsabilização dos docentes. Conquanto esses profissionais desempenhem um papel singular no contexto educacional escolar, existem questões que estão além do controle do indivíduo devido à sua condição humana. Nesse contexto, quando pensamos acerca da afetividade, Moura e Martins (2022) apontam que os indivíduos não têm um controle direto sobre a forma como serão afetados em determinada situação, seja essa afetação positiva ou negativa. Esse argumento nos permite constatar que os impactos decorrentes das emoções e dos afetos também podem ser compreendidos por meio dessa explicação, uma vez que tais aspectos estão fora do nosso controle total. No cotidiano, os afetos se manifestam nas pessoas de diversas maneiras, à medida que elas interagem e respondem a algum evento ou situação.

Sendo assim, a construção formativa não deve ser concebida como algo estático ou meramente linear. O ato educacional é, sobretudo, um fazer dialético, que se consolida nas mais diversas relações e interações estabelecidas entre professores, alunos, família, os demais integrantes do ambiente escolar e, ainda, o espaço social e cultural de todos os agentes envolvidos. Nesse contexto, a educação escolar transcende o mero exercício técnico e intelectual. Diante desses argumentos, espera-se do professor um trabalho que ultrapasse a simples transmissão de conhecimento (Rhoden; Rhoden, 2014).

Nessa trama, a educação bancária, com seus pressupostos e práticas que ainda ecoam em algumas instituições de ensino, representa uma abordagem que desconsidera a riqueza da experiência humana e social no processo de aprendizagem. Ao operar sob um modelo de “depósito” de conhecimento, essa pedagogia fragmenta e negligencia as trocas dinâmicas entre culturas, os saberes prévios e as distintas visões de mundo que cada indivíduo — seja educador ou educando — traz para o ambiente educacional (Keim, 2001).

Quando pensamos em uma educação que promova autonomia e emancipação dos educandos, é crucial inserir no círculo formativo as diferentes dimensões que compõem o ser humano. Com base nos argumentos apresentados por Keim (2001), podemos compreender a educação emancipatória como um fazer dinâmico que se consolida a partir de ações sistêmicas que concebam a educação como uma dinâmica transdisciplinar e complexa, em oposição ao pensamento linear e binário.

Feito esse panorama reflexivo, uma questão se mostra relevante: como a afetividade foi abordada nas pesquisas científicas desenvolvidas no contexto educacional brasileiro, abrangendo o período de 2010 a 2022? Com a finalidade de responder a esta pergunta, serão apresentados nas seções seguintes os dados e resultados da revisão bibliográfica realizada.

Metodologia

O estudo desenvolvido versa sobre uma pesquisa bibliográfica de natureza quali-quantitativa de caráter descritivo, cujo objetivo foi investigar como a afetividade no campo escolar e educacional tem sido abordada nas pesquisas científicas desenvolvidas no contexto brasileiro no período de 2010 a 2022. Os artigos analisados foram extraídos das plataformas *Scielo*, *Lilacs* e *Redalyc*. Os critérios de inclusão foram os seguintes: apresentar os descritores "afetividade na educação" ou "afetividade na escola" no título do artigo, no resumo ou nas palavras-chave, estar disponíveis em plataformas digitais de forma aberta e gratuita, refletir sobre a realidade brasileira e tratar-se de estudos empíricos.

Os dados foram analisados com o auxílio do *software Iramuteq* na versão 0.7 alpha 2 (Interface de R pour les Analyses Multi-dimensionnelles de Textes et de Questionnaires) através da técnica de análise de similitude. Com base nos pressupostos apresentados por Camargo e Justo (2021), a técnica de análise de similitude proporcionada pelo *Iramuteq* pode ser entendida como um procedimento que tem por desígnio identificar e quantificar as relações de semelhança ou proximidade entre documentos textuais.

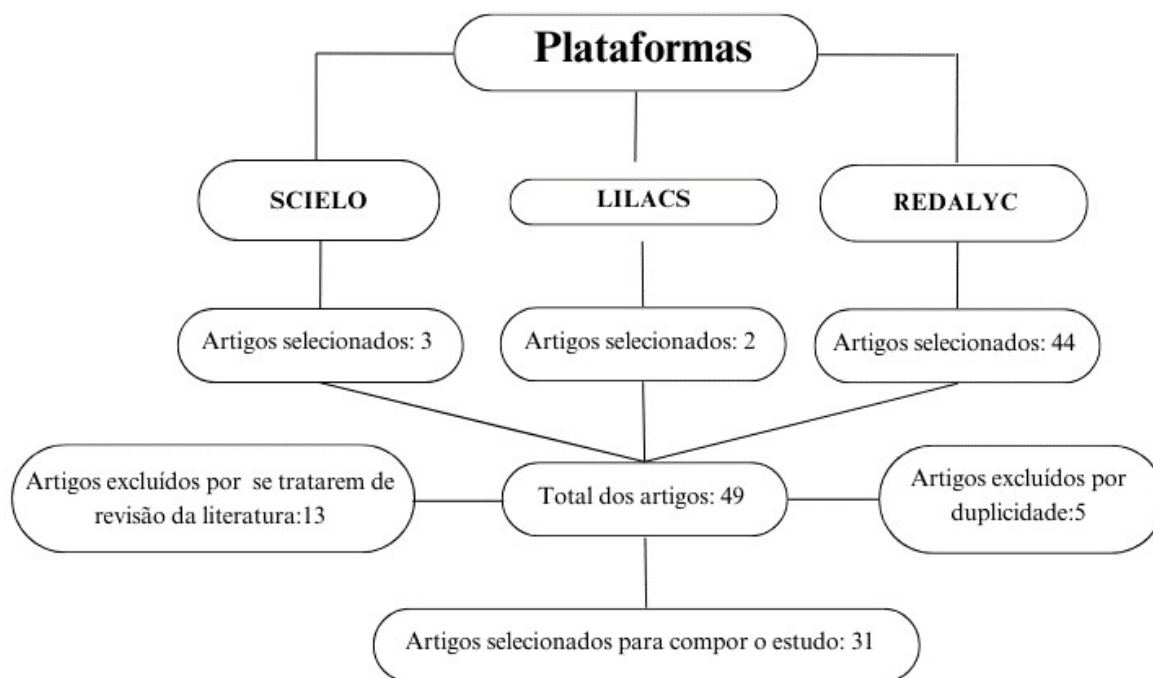
Podemos conceituar a pesquisa qualitativa como uma abordagem metodológica que tem por finalidade explorar e compreender fenômenos, contextos ou experiências em profundidade (Minayo, 2010). Assim, ela não se concentra em quantificar ou medir, mas em descrever e interpretar os dados em análise. Por outro lado, a abordagem quantitativa se deu por meio do emprego de cálculos estatísticos utilizando o *software Iramuteq* para a composição do gráfico de similitude.

Resultados e discussão

Ao aplicarmos os descritores "afetividade na educação" e "afetividade na escola" nas plataformas selecionadas para a construção do estudo, obtivemos os seguintes resultados: *Scielo* (n=3), *Lilacs* (n=2) e *Redalyc* (n=44). Na primeira fase, resultaram 49 artigos; no entanto, 5 trabalhos foram excluídos por estarem duplicados, e outros 13 estudos foram descartados por não se tratar de pesquisas empíricas. Após

esse procedimento, restaram 31 artigos para a composição do banco de dados. Essa descrição pode ser vista de forma esquemática na Figura 1.

Figura 1 - Fluxo de busca e seleção de artigos

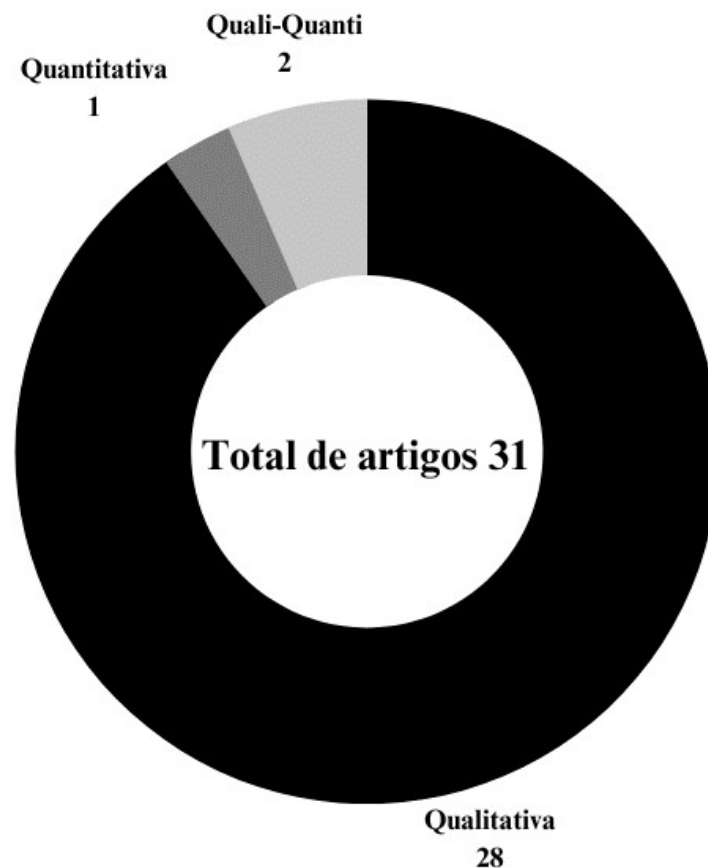


Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao direcionarmos nosso olhar para os aspectos metodológicos, é possível constatar que a maioria dos artigos adotaram métodos qualitativos ($n=28$). Apenas um estudo adotou o método quantitativo, e dois deles adotaram métodos quali-quantitativos. Essa descrição pode ser observada com mais detalhes na representação exibida no Gráfico 1.

Frente ao número expressivo de trabalhos que adotaram o método qualitativo para sua materialização, é importante destacar que as pesquisas que incorporam essa abordagem em sua condução têm como finalidade a edificação de um caminho analítico para a “[...] compreensão das complexas relações constituintes da realidade social” (Araújo; Oliveira; Rossato, 2017, p. 3). Além disso, buscam investigar em profundidade elementos ligados aos aspectos subjetivos dos indivíduos (Minayo, 2010).

Gráfico 1. Aspectos metodológicos aplicados nas pesquisas referentes à afetividade no espaço escolar

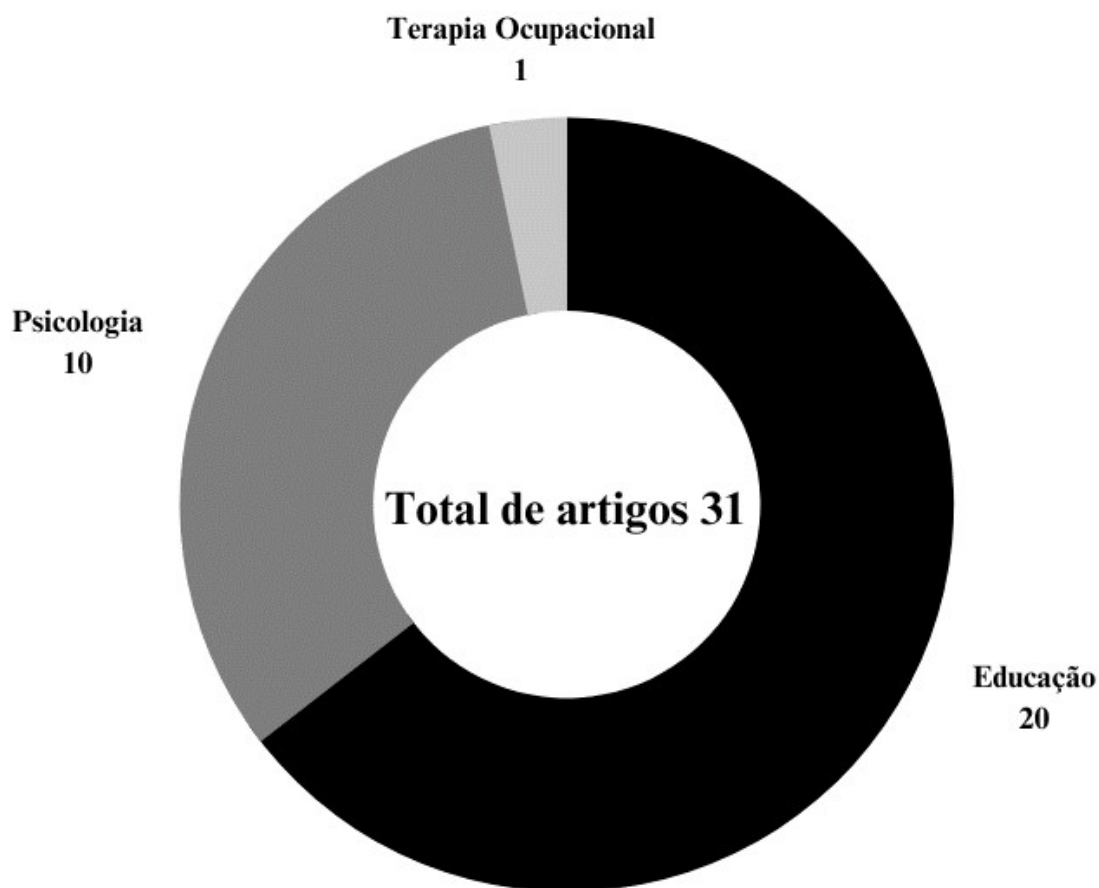


Fonte: Elaborado pelo autor.

A aderência expressiva da abordagem qualitativa pode ser justificada pelas características subjetivas que estão subjacentes à forma como a afetividade é experimentada nas relações e interações sociais nos variados campos e contextos humanos. Assim, a abordagem qualitativa se concentra em capturar nuances e complexidades que não podem ser facilmente quantificadas (Minayo, 2010). Ao explorar a dimensão subjetiva da afetividade, podemos compreender de forma apropriada as singularidades humanas e a variedade de respostas emocionais que ocorrem nas interações sociais diárias. Assim, essa abordagem se torna especialmente relevante quando se analisa os fatores variados que influenciam a forma como as pessoas percebem e expressam suas emoções em contextos diversos, desde a atmosfera escolar até às relações familiares.

Ao investigarmos as principais áreas que impulsionam os estudos sobre a dimensão afetiva no ambiente escolar, fica notório que a Psicologia e a Educação se consolidam como os campos do conhecimento que mais têm dedicado atenção a esse fenômeno. Dos 31 artigos analisados, 10 foram produzidos no campo da Psicologia, enquanto 20 proveram da área da Educação, e apenas 1 artigo decorreu de um campo distinto. Essa distribuição pode ser visualizada esquematicamente no Gráfico 2.

Gráfico 2. Principais áreas dos estudos desenvolvidos no tocante a afetividade no contexto escolar



Fonte: Elaborado pelo autor.

Esse resultado nos permite concluir que o interesse constante da Educação e da Psicologia em desvendar o lugar da afetividade na consolidação do ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, no desenvolvimento humano, não se configura como um fenômeno novo. Historicamente, a afetividade tem sido um campo recorrente de investigação para ambas as áreas. Nesse cenário, a influência dos processos afetivos na interação entre professores e alunos tem se consolidado como um elemento central para os psicólogos escolares, conforme evidenciado por Gaspar e Costa (2011). Essa atenção se justifica pelo papel que esses elementos assumem para a qualidade da mediação pedagógica e seu impacto direto no desenvolvimento da criança.

Conforme apresentado por Mitijáns-Martinez (2005), durante um longo período, a prática do psicólogo escolar estava direcionada a ações de cunho higienista, limitando-se à investigação de aspectos relacionados às dificuldades de aprendizado de ordem curricular. Gradualmente, a atuação desse profissional passou a se consolidar de forma mais abrangente, na qual se tem priorizado “[...] modelos preventivos de atuação diante das circunstâncias emergentes no contexto escolar, assim como ampliando as possibilidades de atuação do psicólogo escolar” (Gaspar; Costa, 2011, p. 122).

Os dados aqui apresentados nos permitem constatar essa busca da Psicologia em operacionalizar um fazer que ultrapasse o campo diagnóstico e se concentre em questões que ultrapassem os aspectos meramente pedagógicos, uma vez que o sujeito apresenta em sua constituição diferentes camadas e é influenciado por diversos aspectos que compõem seu meio sociocultural. Esse olhar ampliado pode ser verificado nos estudos conduzidos por Bianchini, Oliveira e Vasconcelos (2014) e Cordeiro e Buendgens (2012). O primeiro estudo objetivou analisar as significações de cinquenta e dois alunos que frequentavam salas de apoio à aprendizagem; o segundo buscou discutir de que forma os adolescentes compreendiam e vivenciavam o preconceito na escola.

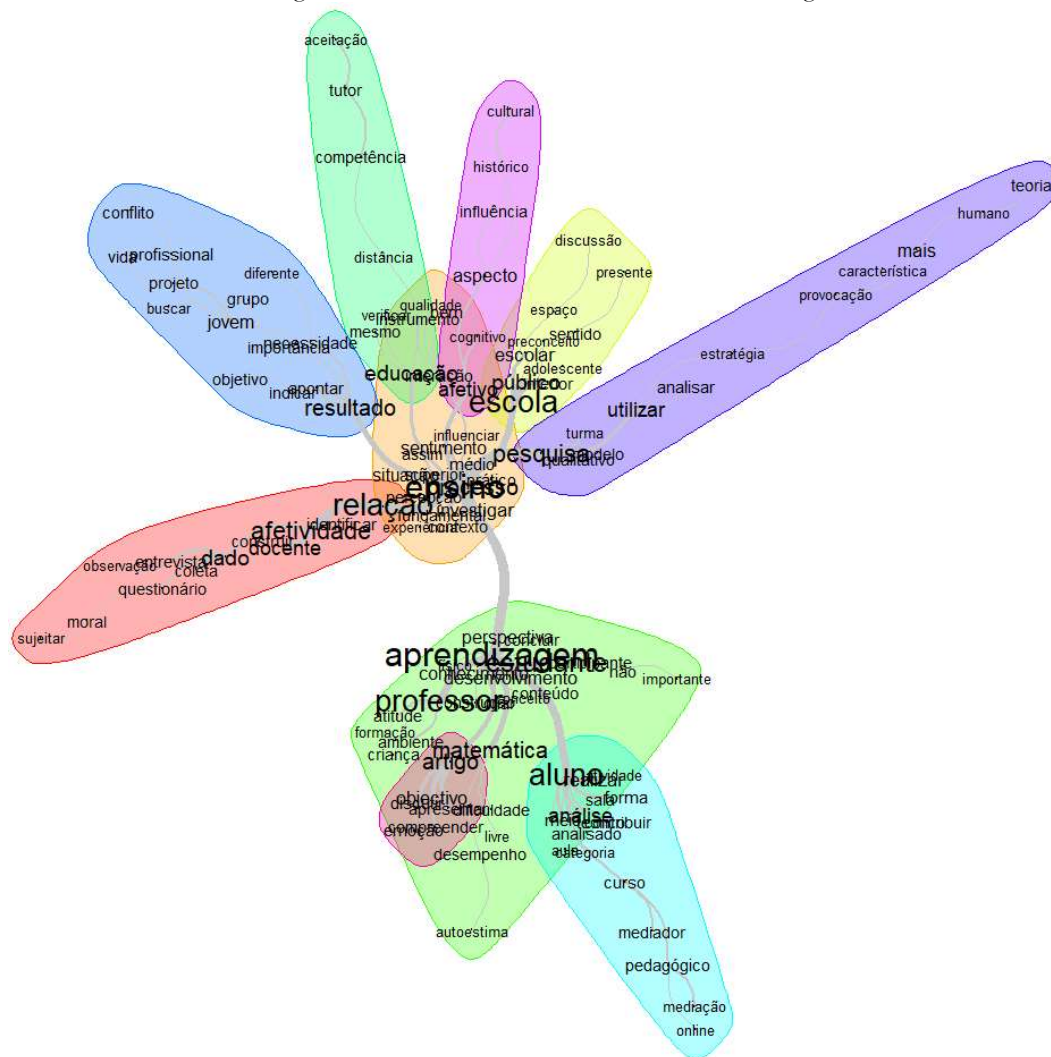
Ao focarmos nos estudos no campo da Educação, percebemos uma clara articulação de uma visão sistêmica e abrangente sobre o processo de ensino-aprendizagem. Essa abordagem revela o interesse dos pesquisadores em conceber o fazer educacional de forma contextualizada, problematizando os diversos aspectos que reverberam na prática pedagógica. Como exemplos dessas investigações, podemos citar a pesquisa de Marques et al. (2018), que buscou compreender as particularidades das provocações vivenciadas por alunos de 3 a 14 anos em seis escolas públicas do interior de São Paulo. Outro estudo relevante é o de Machado, Frade e Falcão (2010), cujo objetivo foi examinar os valores presentes na prática de professores de matemática em turmas finais do Ensino Fundamental e as reações afetivas dos alunos em relação às suas aprendizagens e seus desdobramentos.

Ampliação analítica dos dados

O *corpus* textual foi composto por 31 artigos. Após a análise com o auxílio do *software Iramuteq* (versão 0.7 alpha 2), foram identificados 136 segmentos de texto, 4921 ocorrências e 1419 formas textuais distintas. Utilizando a técnica de análise de similitude, foram obtidas 10 comunidades. As palavras que compõem essas comunidades compartilham semelhanças significativas em seu conteúdo, permitindo inferências a partir das relações estabelecidas entre os textos analisados.

As comunidades podem ser observadas na Figura 2. A análise de similitude resultou em dez comunidades, organizadas a partir dos núcleos centrais "ensino" e "aprendizagem", que se desdobram nas seguintes ramificações: "resultado", "educação", "afetivo", "escola", "pesquisa", "relação", "matemática" e "aluno". Para uma leitura efetiva das comunidades, é importante considerar os nós (conexões entre palavras) e a espessura das arestas (linhas que conectam os termos). Os nós indicam as ligações entre as palavras, enquanto a espessura das arestas reflete a força dessas conexões.

Figura 2. Análise de similitude dos resumos dos artigos



Fonte: elaborado pelo autor.

A partir da análise do núcleo central da comunidade "ensino", observa-se que um número expressivo de estudos se concentra nos aspectos conexos ao ensino e suas vinculações com a afetividade. Esse ponto é evidenciado nas pesquisas de Pátaro e Arantes (2014), Montezi e Souza (2013) e Tassoni (2013). Nesse contexto, o vocábulo "ensino" está conectado aos termos "relação", "resultado", "educação", "afetivo", "escola", "pesquisa" e "aprendizagem". Este último refere-se ao núcleo da segunda comunidade central, que se ramifica, dando origem a outras comunidades. Considerando essas interconexões, é evidente que o foco das investigações atuais reside em desvendar a profunda relação entre o campo afetivo e os processos de ensino e aprendizagem no ambiente escolar. Os resultados dos estudos examinados reiteram a importância de integrar a afetividade na escola para que o ensino seja verdadeiramente significativo, influenciando positivamente a motivação dos alunos para aprender (Silva; Silva; Campos, 2018).

A segunda comunidade, representada pelo vocábulo "aprendizagem", apresenta conexões significativas com os termos "professor", "matemática" e "aluno". Tais conexões apontam para o

destaque atribuído à afetividade no processo de ensino e aprendizagem de conteúdos relacionados à matemática e às ciências exatas, além de destacar o papel mediador do professor nesse processo.

Reisdoefer, Teixeira e Ramos (2017) ao investigarem a percepção de professores de Ciências da Natureza e Matemática, ingressantes em um Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, revelaram que o processo de ensino-aprendizagem é profundamente influenciado pela parceria entre docentes e alunos. Quando os estudantes se sentem acolhidos no ambiente escolar, seu envolvimento na aprendizagem aumenta significativamente. Embora essa pesquisa tenha se centrado nas Ciências da Natureza e Matemática, suas conclusões podem se estender a outras áreas do saber. Isso acontece porque a afetividade não é um simples adereço educacional pertencente a uma disciplina em particular, ela é um componente intrínseco e integrador do ser humano, impactando a maneira como interagimos e aprendemos em qualquer contexto.

Diante do exposto, fica evidente o valor de se integrar a dimensão afetiva no cenário educacional. Essa percepção é crucial, visto que as relações afetivas construídas entre professores e alunos no curso da trajetória formativa contribuem de maneira decisiva para uma aprendizagem significativa e duradoura.

Considerações finais

Entender o ser humano como um ser multifacetado, que abrange dimensões psicológicas, biológicas, históricas e sociais, é fundamental no contexto da educação escolar. Nesse sentido, discutir a afetividade no contexto educacional torna-se uma necessidade urgente para a construção de práticas formativas significativas e comprometidas, capazes de respeitar as particularidades de cada indivíduo e promover caminhos emancipatórios.

Ao longo desta análise, ficou evidente que as relações afetivas transcendem a mera influência no processo de aprendizagem. Tais relações ocupam um papel crucial na motivação dos estudantes, na construção de um ambiente escolar acolhedor e na formação de vínculos positivos, elementos que são, em sua essência, basilares para o desenvolvimento holístico dos indivíduos. Diante disso, é inegável que pesquisas que salientam a relevância da afetividade no contexto educacional se tornam indispensáveis. Elas são a chave para enriquecer o ambiente de aprendizado e assegurar que os alunos se sintam valorizados e encorajados em sua trajetória educacional.

Diante disso, é vital que estudos futuros desenvolvam estratégias eficazes para auxiliar professores a integrar a afetividade de forma significativa no cotidiano escolar. Nosso foco, porém, não é ditar soluções prontas. Buscamos, sim, estabelecer princípios orientadores que reconheçam a multidimensionalidade da realidade escolar. Essa abordagem é crucial, pois a formação docente nem sempre prepara os educadores para as diversas demandas emocionais e relacionais que emergem em sua prática diária. Assim sendo, a pesquisa tem o papel de capacitar esses profissionais, fortalecendo a construção de um ambiente de aprendizagem mais acolhedor e saudável. Por fim, mostra-se relevante

investigar como a afetividade é abordada no processo educacional em diferentes países. Essa análise comparativa com a realidade brasileira poderia, então, revelar novos caminhos para edificar uma educação escolar firmemente alicerçada em relações afetivas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Cláudio Márcio de; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de; ROSSATO, Maristela. O Sujeito na Pesquisa Qualitativa: Desafios da Investigação dos Processos de Desenvolvimento. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v.33, p.1-7, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e33316>. Acesso em 08 de out. de 2023.

BIANCHINI, Luciane Guimarães Batistella; OLIVEIRA, Francismara Neves de; VASCONCELOS, Mário Sérgio. Significações de si: sala de apoio como lugar destinado ao não saber na escola. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 48, n. 34, p. 141-164, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/5733/4561>. Acesso em: 09 de out. de 2023.

CAMARGO, Brigido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. **Tutorial para uso do software Iramuteq**. Santa Catarina: Laboratório de Psicologia Social da Comunicação-UFSC, 2021.

CODO, Wanderley; GAZZOTTI, Andréa Alessandra. Trabalho e afetividade. In: CODO, W. **Educação, carinho e trabalh**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p.48-59.

CORDEIRO, Aliciene Fusca Machado; BUENDGENS, July Fortunato. Preconceitos na escola: sentidos e significados atribuídos pelos adolescentes no ensino médio. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v.16, n. 1, p. 45-54, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572012000100005>. Acesso em 10 de out. 2023.

FERREIRA, Aurino. Lima; ACIOLY-RÉGNIER, Nadja Maria. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. **Educar**, Curitiba, n. 36, p. 21-38, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602010000100003>. Acesso em 14 de set. de 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 71. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2019a.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade nas práticas pedagógicas. **Temas em Psicologia**. São Paulo, v.20, n. 2, p.355 – 368, 2012. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-389X2012000200006. Acesso em 05 de set. de 2023.

KEIM, Ernesto Jacob. Complexidade e prática educacional o pensamento sistêmico, o conhecimento e a vida. **Contexto e Educação**, Ijuí, ano 16, n. 6 4, p. 37-59, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2001.64.37-59>. Acesso em 10 de out. de 2023.

MACHADO, Milene Carneiro; FRADE, Cristina; FALCÃO, Jorge Tarcísio da Rocha. Influência de Aspectos Afetivos na Relação entre Professor e Alunos em Sala de Aula de Matemática. **Boletim de Educação Matemática**, Rio Branco, v. 23, n. 36, p. 683-713, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2912/291221905007.pdf>. Acesso em 14 de out. de 2023.

MARQUES, Carolina Aragão Escher et al. Investigando a provocação entre pares. **Educação**, Santa Maria, v. 43, n. 1, p. 127-140, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/28067>. Acesso em 10 de nov. de 2023.

- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- MONTEZI, Aline Vilarinho; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. Era uma vez um sexto ano: estudando imaginação adolescente no contexto escolar. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 77-85, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572013000100008>. Acesso em 07 de out. de 2023.
- MOURA, Antônia Andreia da Silva Santos; MARTINS, Maria da Conceição Rodrigues. Afetividade no processo de formação docente: dialogando com Spinoza e Wallon. **Revista Epistemologia e Práxis Educativa - EPEduc**, Piauí, v. 5, n. 2, p. 01-14, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/epeduc/article/view/3116>. Acesso em 15 de set. de 2023.
- PÁTARO, Cristiana Satiê de Oliveira; ARANTES, Valéria Amorim. A dimensão afetiva dos projetos vitais: um estudo com jovens paranaenses. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 19, n. 1, p. 145-156, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/FbqLPwmWHgmmSKqp7vYB9VM/?format=html&lang=pt>. Acesso em 08 de out. de 2023.
- REISDOEFER, Denise Nivia; TEIXEIRA, Eliana Maria Mallmann; RAMOS, Maurivan Güntzel. A influência da relação professor-estudante na aprendizagem discente: percepções de professores de Ciências e Matemática. **Revista Exitus**. Santarém, v. 7, n.3, p. 64-87, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.24065/2237-9460.2017v7n3ID349>. Acesso em 20 de set. de 2023.
- RHODEN, Juliana Lima Moreira; RHODEN, Valmor. Formação de professores: um espaço que possibilita trabalhar a educação emocional e compreender o estresse do professor. **Rev. Ciênc. Ext.** São Paulo, v.10, n.2, p. 118-135, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.23901/1679-4605.2014v10n2p118-135>. Acesso em 10 de out. de 2023.
- RIBEIRO, Marinalva Lopes. Afetividade na relação educativa. *Estudos de Psicologia*, v. 27, n. 3, p. 403-412, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000300012>. Acesso em 20 de out. 2023.
- RODRÍGUEZ, José. I.; PLAX, Timothy. G.; KEARNEY, Patricia. Clarifying the relationship between teacher nonverbal immediacy and student cognitive learning: affective learning as the central causal mediator. **Communication Education**, v.45, n.4, 293-305, 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03634529609379059>. Acesso em 03 de nov. de 2023.
- SILVA, Eunice de Castro; SILVA, Keite Melo da; CAMPOS, Gilda Helena Bernadinho. Afetividade e motivação na docência online: um estudo de caso. **RIED**, Madri, v. 21, n. 1. p. 1-15, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5944/ried.21.1.17415>. Acesso em 05 de nov. de 2023.
- TASSONI, Elvira Cristina Martins. Afetividade na aprendizagem da leitura e da escrita: uma análise a partir da realidade escolar. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v.13, n.2, p.524-544, 2013. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812013000200008. Acesso em 14 de nov. de 2023.
- WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Recebido em: 03 de fevereiro de 2025.
Aprovado em: 20 de outubro de 2025.